SJ013: Ação direta e outros escritos

* **Título:** *Ação direta e outros escritos*
* **Autor:** Voltairine de Cleyre
* **Linha fina:** Uma existência feita de experimentação radical e militantismo libertário: a anarquia de Voltairine de Cleyre como potência de ousadia, inquietude, revolta e preocupação com as condições do presente
* **Coleção:** Anarc
* **Nacionalidade:** Americana
* **Título original:** Existe o título original em inglês do ensaio que dá nome ao livro da Hedra (*Direct Action*), organizado por Acácio Augusto. Mas é apenas um dos textos desta edição
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à organização de Acácio Augusto e tradução de Mariana Lins
* **Categoria:** Filosofia ou Política
  + **BISAC:** POL052000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Mulheres na Política; POL004000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Direitos Civis; POL035000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Liberdade Política; POL046000: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Comentário e Opinião; SOC051000: CIÊNCIAS SOCIAIS/Violência na Sociedade; POL042010: CIÊNCIAS POLÍTICAS/Ideologias Políticas/Anarquismo
  + **Thema:** JPFB: Anarquismo; JPV: Controle político e/ou liberdades; LNDC: Direito: direitos humanos e liberdades civis
* **Escola:** Anarquismo
* **Assunto:** Anarquismo; Ação direta; Feminismo anarquista; Potência; Intervenção política; Revolução Americana
* **Edição:** Jorge Sallum
* **Coedição:** Suzana Salama
* **Organização:** Acácio Augusto
* **Tradução:** Mariana Lins
* **Apresentação:** Acácio Augusto e Helena Wilke
* **Posfácio:** Emma Goldman
* **Preparação e revisão:** Rogério Duarte
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 140
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-726-6
* **Data de entrega de arquivos:** 1º de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** *Ação direta e outros escritos* é uma antologia de três textos fundamentais para a compreensão do pensamento de Voltairine de Cleyre. O primeiro artigo apresenta uma síntese não dogmática do núcleo fundamental do anarquismo, a *potencialidade humana*, e dispõe as pessoas à luta. O segundo artigo, "O anarquismo e as tradições americanas", traça um paralelo entre a Revolução Americana e o anarquismo, criticando de forma contundente a progressiva degradação das propostas dos *pais fundadores* dos Estados Unidos. O último, "Ação direta", texto central desta edição pela atualidade, explicita os motivos das ações "contra a representação", isto é, intervenções políticas ativas na realidade concreta: não obrigatoriamente violentas, mas sem excluir que, em momentos estratégicos, são necessárias ações diretas enérgicas.
* **Sobre o autor:** Voltairine de Cleyre (1866–1912) foi anarquista, poeta, escritora, conferencista e linguista. Coerente com as próprias ideias, organizou sua vida e sua obra a partir do valor da dignidade humana e do desejo apaixonado pela liberdade. Iniciou a carreira de militante no pacifismo, mas o desenvolvimento acelerado do capitalismo nos Estados Unidos e eventos marcantes como a Revolução de 1905, na Rússia, e a Revolução Mexicana, em 1910, alteraram-lhe a compreensão acerca dos métodos e a levaram a abraçar a ação direta.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo *Anarquismo***
    - Existem dois espíritos espalhados pelo mundo — o espírito da Cautela, o espírito da Ousadia [...] o espírito do construtor lento e constante, zeloso no cumprimento do trabalho, relutante em se desfazer de qualquer uma das suas conquistas, desejoso por preservar e incapaz de discriminar entre o que vale a pena manter e o que é melhor abandonar, e o espírito do destruidor inspirador, fértil de fantasias criativas, volátil, descuidadoso na exuberância dos seus esforços e inclinado a rejeitar tanto o bem quanto o mal. A sociedade é uma balança que oscila [...] entre esses dois espíritos. Aqueles que consideram o homem, caso da maioria dos anarquistas, como um elo na cadeia da evolução, veem nessas duas tendências sociais a soma das tendências dos homens individuais, as quais, como as de toda vida orgânica, são o resultado da ação e reação entre herança e adaptação. [...] Já não me parece mais necessário, portanto, que alguém deva fundamentar o seu anarquismo numa concepção particular de mundo. O anarquismo é uma teoria das relações humanas e se apresenta como solução aos problemas sociais [...] Para que uma pessoa, letrada ou iletrada, reconheça que os objetivos anarquistas são desejáveis, bastam um bom olho observador e um cérebro razoavelmente reflexivo. Isso não quer dizer que um conhecimento mais aprofundado não sirva para confirmar e expandir a aplicação deste conceito fundamental (a beleza da verdade é que, a cada nova descoberta, descobrimos também quão mais ampla e profunda ela é do que quando pensamos inicialmente). Não obstante, significa que, antes de tudo, o anarquismo está preocupado com as condições presentes, com pessoas extremamente simples e comuns, e não é, de forma alguma, uma proposição complexa ou difícil. O anarquismo, para além de qualquer proposta de reforma econômica, é apenas a resposta mais recente, de muitas outras que já foram dadas no passado, àquele espírito ousado, dissidente, volátil e mutável que nunca está satisfeito. A sociedade de que fazemos parte coloca sobre nós uma série de opressões que surgiram da combinação entre as mudanças realizadas por esse espírito e a rigidez dos velhos hábitos adquiridos e fixados antes que essas mesmas mudanças pudessem ser sequer pensadas. A maquinaria — que, como nossos camaradas socialistas não se cansam de enfatizar, revolucionou a indústria — é criação do espírito da Ousadia; foi esse espírito que lutou, a cada passo, contra os costumes antigos, contra os privilégios e a covardia, como a história de qualquer invenção pode demonstrar caso seja rastreada desde o início, ao longo de todas as suas transformações. E qual foi o resultado disso? Que um sistema de trabalho, totalmente adequado à produção manual e incapaz de gerar opressões muito extremas, enquanto a indústria permanecesse nesse estágio, foi retesado e tensionado até que se adaptasse à produção em massa, até estarmos prestes a atingir o ponto de ruptura; e, então, mais uma vez o espírito da Ousadia deve se afirmar — reivindicar novas liberdades, uma vez que as antigas se tornaram nulas e sem efeito por conta dos atuais métodos de produção.
  + **Capítulo *O anarquismo e as tradições americanas***
    - A educação pública, por dizer respeito ao intelecto e ao espírito de um povo, é provavelmente o mecanismo mais sutil e de maior alcance para se moldar o curso de uma nação; o comércio, porém, ao lidar com as coisas materiais, da maneira que o faz, produzindo efeitos imediatos, tornou-se a força que mais rapidamente avançou contra as barreiras de papel das restrições constitucionais, e, com isso, moldou o governo segundo suas exigências.
    - E agora, o que o anarquismo tem a dizer sobre tudo isso, sobre a falência do republicanismo, sobre o império moderno que cresceu em cima das ruínas da nossa liberdade primeira? Nós dizemos que o pecado cometido por nossos pais foi o de não terem confiado plenamente na liberdade. Eles pensaram que era possível reconciliar a liberdade com o governo, acreditando que este seria uma espécie de "mal necessário", e no momento em que esse acordo foi feito, o monstro infame da nossa atual tirania começou a crescer. Os instrumentos criados para salvaguardar os direitos tornaram-se o chicote com o qual se golpeia os que são livres. O anarquismo diz: não crie nenhuma lei concernente ao discurso, e o discurso será livre. Tão logo se declare em papel que o discurso deve ser livre, haverá cem advogados para provar que "liberdade não significa abuso, e tampouco licença para se fazer o que quiser" e irão definir e redefinir a liberdade tantas vezes até o ponto de tirar a sua existência. Que a garantia da liberdade de expressão esteja na determinação de cada homem em usá-la e já não teremos necessidade de declarar isso ou aquilo em papel. Por outro lado, na medida em que as pessoas não tratem de exercitar a sua liberdade, aqueles que desejam tiranizar o farão, pois os tiranos são ativos e ardentes, e se dedicarão, em nome de alguma quantidade de deuses, sejam religiosos ou não, a colocar algemas de aço nos homens adormecidos. O problema torna-se então: como é possível arrancar os homens da sua indiferença? Nós dissemos que o espírito da liberdade foi cultivado pela vida colonial e que os elementos da vida colonial eram o desejo por uma independência sectária e a vigilância ciumenta que derivava disso. O isolamento das comunidades pioneiras impunha a cada indivíduo contar com os próprios recursos, desenvolvendo, dessa maneira, homens versáteis e, ao mesmo tempo, criando os fortes laços sociais que antes existiam — e, por fim, a simplicidade relativa das pequenas comunidades.
  + **Capítulo *Ação direta***
    - Qualquer pessoa que alguma vez julgou ter o direito de defender algo, e o fez corajosamente, por si mesma, ou com outras pessoas que compartilhavam as suas convicções, agiu como ativista direto. Uns trinta anos atrás, lembro que o Exército da Salvação praticou a ação direta de modo bem vigoroso, com o intuito de garantir aos seus membros a liberdade de expressão, reunião e culto [...] Os trabalhadores industriais estão agora empreendendo a mesma luta, e, em um bom número de casos, conseguiram forçar as autoridades a deixá-los em paz, justamente através do uso das táticas diretas. Qualquer pessoa que já tenha planejado fazer alguma coisa, e fez, ou que traçou um plano antes dos outros e lhes tenha angariado a cooperação para levá-lo a cabo em conjunto, sem, para isso, recorrer a autoridades externas que o fizessem por ele, agiu como ativista direto. Todos os experimentos cooperativos são essencialmente ação direta. Qualquer pessoa que, em algum momento da sua vida, se viu diante de um problema para resolver e se dirigiu diretamente a outras pessoas envolvidas para resolvê-lo, por meio de um plano pacífico ou de alguma outra forma, agiu como um ativista direto. Exemplos de ação direta são as greves e os boicotes.
    - A história do movimento antiescravidão e da Guerra Civil é um dos maiores paradoxos da história, apesar de a história ser uma cadeia de paradoxos. Politicamente falando, foram os estados escravistas que defenderam uma maior liberdade política: a autonomia dos Estados individuais contra a interferência dos Estados Unidos; politicamente falando, foram os Estados não escravistas que defenderam um governo forte e centralizado, que — diziam os secessionistas, e diziam a verdade — estava fadado, progressivamente, a assumir formas cada vez mais tirânicas — o que, de fato, aconteceu. Desde o fim da Guerra Civil, tem havido uma invasão contínua do poder federal sobre o que antes era da esfera do poder dos Estados individuais. Os escravos assalariados, em sua luta atual, entram continuamente em conflito com aquele poder centralizado contra o qual o proprietário de escravos protestou (com a liberdade nos lábios e a tirania no coração). Eticamente falando, foram os Estados não escravistas que, de modo geral, defenderam uma liberdade humana maior, ao passo que os secessionistas defenderam a escravidão racial. Mas isso apenas de modo geral, ou seja, a maioria dos nortistas, não acostumados com a presença real da escravidão negra em seu entorno, julgaram que ela provavelmente era um equívoco, embora não tenham demonstrado grande ansiedade para que fosse abolida. Apenas os abolicionistas, e eles eram relativamente poucos, devem ser considerados genuinamente éticos, já que para eles era a própria escravidão — e não a secessão ou a união — a questão principal. Na verdade, essa questão era tão crucial para eles, que um número considerável dos abolicionistas era favorável à dissolução da união; defendiam que o Norte tomasse a iniciativa nessa questão da dissolução, para que os nortistas pudessem se livrar da culpa de manter os negros acorrentados.
    - Tal como no caso da escravidão no seu sentido tradicional, essa forma moderna de escravidão está engendrando tanto a ação direta, quanto a ação política. Certa porcentagem da nossa população (provavelmente uma porcentagem muito menor do que os políticos têm o hábito de admitir em reuniões de massa) produz a riqueza material a partir da qual todos nós vivemos, assim como os quatro milhões de escravos negros que sustentavam uma multidão de parasitas em cima deles. São eles os *trabalhadores da terra* e os *trabalhadores industriais* [...] a parte mais absolutamente necessária de toda estrutura social, sem cujos serviços ninguém pode comer, ou se vestir, ou se abrigar — são justamente aqueles que menos têm o que comer, o que vestir e que vivem nas piores condições de moradia — para não falar da parte que lhes cabe nas outras garantias sociais que o resto de nós tem a responsabilidade de fornecer, como a educação e a gratificação artística.
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)

**Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)